

DESENVOLVIMENTO
E MEIO AMBIENTESISTEMA
ELETRÔNICO
DE REVISTAS
SER | UFPRwww.ser.ufpr.br

Indígenas e Natureza: a reciprocidade entre os Kaingang e a natureza nas Terras Indígenas *Por Fi Gâ*, *Jamã Tÿ Tãnh* e *Foxá*¹

Indigenous and Nature: the Reciprocity between the Kaingang People and Nature in the Indigenous Lands Por Fi Gâ, Jamã Tÿ Tãnh and Foxá

Emelí LAPPE¹, Luís Fernando da Silva LAROQUE^{1*}¹Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES), Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil.*E-mail de contato: lfaroque@univates.br

Artigo recebido em 8 de julho de 2014, versão final aceita em 11 de junho de 2015.

RESUMO

Do ponto de vista demográfico, os Kaingang representam, atualmente, a maior população indígena do Brasil meridional, somando aproximadamente 30 mil indivíduos. O estudo visa analisar aspectos dos indígenas Kaingang e suas relações com a natureza nas Terras Indígenas *Por Fi Gâ*, em São Leopoldo, *Jamã Tÿ Tãnh*, em Estrela, e *Foxá*, em Lajeado, localizadas em áreas urbanas no estado do Rio Grande do Sul. Como fundamentação, utiliza-se de autores que estudam o povo Kaingang, a cultura e a perspectiva indígena, considerando sua relação com a natureza, já que o próprio etnônimo Kaingang significa povo do mato. A natureza está presente na coletividade Kaingang, cujos aspectos como a nomeação das crianças e rituais, caso da festa do *Kikikói*, foram destacados. Os Kaingang estão conectados com a natureza, dependem dela para manter o jeito de ser e a continuidade das tradições que são repassadas de geração para geração. Para eles, a terra é compreendida como a mãe de tudo que existe na natureza, tanto o universo humano como o não humano; portanto, mantém relações de reciprocidade com ela inclusive em áreas urbanas.

Palavras-chave: Kaingang; natureza; terra; áreas urbanas.

ABSTRACT

The Kaingang People currently represent, from a demographic point of view, the largest indigenous people in southern Brazil, with almost thirty thousand individuals. This study aims at analyzing some aspects of the Kaingang Indians and their relationship with nature in the indigenous lands *Por Fi Gâ* (in Sao Leopoldo, southern Brazil), *Jamã Tÿ Tãnh* (in Estrela, southern Brazil) and *Foxá* (in Lajeado, southern Brazil), all located in urban areas in the state of Rio Grande do Sul. Fundamental references are authors who study the Kaingang People, their culture and the indigenous perspective considering their relationship with nature, since their own name, Kaingang, means “people from the forest”. Nature is present in the Kaingang collectivity, among which we highlight aspects like nomination of children and rituals, for example, the *Kikikói* celebration. The

¹O estudo contou com auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (Univates).

Kaingang are connected to nature, they depend on it to maintain their way of being and the continuity of the traditions that are transmitted from generation to generation. For the Kaingang People the earth is understood as the mother of everything that exists in nature, both human and non-human, therefore they maintain reciprocal relations with it even in urban areas.

Keywords: Kaingang; nature; land; urban area.

1. Introdução

Os indígenas Kaingang são pertencentes à família linguística Jê, integram o tronco linguístico Macro-Jê e ocupam áreas territoriais nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do sul. No Brasil meridional, atualmente, constitui o grupo étnico indígena mais expressivo do ponto de vista demográfico, totalizando em torno de 30 mil indivíduos (IBGE, 2012).

Os Kaingang, conforme Becker (1995), tradicionalmente se organizam em aldeias distribuídas em amplo espaço que, no decorrer do processo histórico, estendeu-se desde a porção sul do rio Tietê, no atual estado de São Paulo, passando pelo norte e pelo oeste do estado do Paraná, pelo oeste catarinense, até territórios localizados em áreas das bacias dos rios Jacuí, Taquari, Cai e Sinos, no Rio Grande do Sul, mas também avançando para a região de Misiones, em território argentino. Durante o século XIX, na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, os Kaingang tiveram suas áreas invadidas por imigrantes alemães e italianos, situação legitimada pelo projeto colonizador brasileiro. À medida que houve a expropriação dos territórios Kaingang, fazendas, colônias e cidades foram estabelecidas sobre estes, comprometendo o espaço sociocultural indígena; mas, com o tempo, os Kaingang passaram a efetuar viagens de volta para seus tradicionais territórios.

Os termos “índios urbanos” e “aldeias urbanas” utilizados neste estudo partem da aceção de Roberto Cardoso de Oliveira (1968, p. 210), ao afirmar que “[...] a ideia da ‘persistência’ da Aldeia na Cidade deve ser entendida como a manutenção dos elos tribais [essencialmente de parentesco] nas condições de vida urbana”. Estudos mais recentes, como de Baines (2001), Mussi (2006), Nunes (2010), Rosado & Fagundes (2013), apontam que os povos indígenas têm a construção de território concebida conforme as categorias nativas

de espaço/tempo e que as cidades não deixam de ser o prolongamento de seus espaços físicos.

Tratando-se especificamente dos Kaingang, Tommasino (2001) salienta que eles tiveram de se adequar ao avanço da sociedade brasileira sobre o território. Portanto, as cidades foram se tornando espaços de (re) territorialização, por se tratarem de áreas pertencentes ao tradicional território do grupo Kaingang.

No Rio Grande do Sul, encontramos atualmente oito áreas Kaingang em espaço urbano: três delas estão em Porto Alegre, que são as terras indígenas Morro do Osso, Morro Santana e Lomba do Pinheiro; uma na Serra Gaúcha: *Pó Nãnh Mág*, na cidade de Farroupilha; uma no Vale do Sinos: *Por Fi Gâ*, na cidade de São Leopoldo; e três no Vale do Taquari, que são as terras indígenas *Pó Mÿg*, em Tabaí, *Jamã Tÿ Tãnh*, em Estrela, e *Foxá*, em Lajeado. Há também, de acordo com Silva & Laroque (2012), pequenos grupos itinerantes estabelecidos em acampamentos temporários chamados de *wãre*, localizados próximos a rodovias, viadutos, margens de rios, florestas, etc., com a finalidade de garantir a sustentabilidade econômica e o comércio do artesanato.

Este trabalho, tomando como delimitação temporal uma área indígena urbana no Vale do Sinos e duas no Vale do Taquari, objetiva analisar aspectos dos Kaingang e suas relações com a natureza nas Terras Indígenas *Por Fi Gâ*, em São Leopoldo, *Jamã Tÿ Tãnh*, em Estrela, e *Foxá*, em Lajeado, com o intuito de compreender as escolhas feitas pelos Kaingang sobre os sentidos de sua territorialidade e a continuidade de suas tradições e rituais.

Como base teórica para análise dos dados, nos embasamos em autores que estudam populações indígenas, como Seeger & Castro (1979), Little (1994), Tommasino (2000), Laroque (2007) e Pardini (2012). Esses trabalhos abordam aspectos culturais e suas relações com o território e com a natureza.

A metodologia enquadra-se em uma pesquisa de cunho qualitativo e descritivo, na qual foram pesquisados

e analisados os aspectos culturais e históricos dos Kaingang que residem no Vale do Sinos e no Vale do Taquari, recorrendo-se à análise bibliográfica e à utilização de entrevistas. Nos procedimentos metodológicos, tomamos como base a proposta de Brand (2000) a respeito da utilização da história oral com povos indígenas. Valemos-nos de um roteiro com questões semiestruturadas que serviram como base para os delineamentos das conversas com os Kaingang, as quais ocorreram nos meses de dezembro de 2011, maio de 2012 e junho de 2012. As falas dos entrevistados indígenas, que neste estudo são tratados como EA, EB, EC e ED, foram registradas e posteriormente transcritas com a opção de se respeitar, no texto, sua expressão original.

2. Terra e Território Indígena

Os conceitos de terra e território entre as sociedades indígenas não necessariamente são categorias semelhantes; entretanto, desde os primeiros contatos, diferenciavam-se das concepções jurídico-políticas concebidas pelo Estado colonial e nacional brasileiro. No decorrer do processo histórico, tais sociedades passaram a lutar pelos seus territórios, tanto para a manutenção de seus traços étnicos e culturais como pelo fato de dependerem desses espaços para usufruir dos recursos naturais.

Seeger & Castro (1979), ao explicitarem o binômio terra e território, sublinham que o conceito de terra é visto como meio de produção, lugar do trabalho agrícola ou solo, onde se distribuem os recursos animais e de coleta. O território tribal ou territorialidade, por sua vez, deve ser entendido como categoria de dimensões sociopolíticas e cosmológicas mais amplas.

Tratando-se dos Kaingang, indígenas que são o foco deste estudo, o território tribal é denominado, conforme Tommasino (2004), pelo termo *Ga* e associado também a terra, solo. *Ga* é o lugar onde os Kaingang se realizam como sociedade específica fundada em um espaço físico e simbólico. Becker (1995), em seu estudo sobre os Kaingang, aponta que os limites entre os territórios das parcialidades que formam o grupo no século XIX constituíam-se de marcas na casca dos pinheiros. Cada um desses territórios destinava-se à coleta do pinhão, da

caça e da pesca, ficando a cargo de um cacique principal, mas, uma vez negociada a entrada de parcialidades Kaingang em território de outros caciques, era permitido; caso contrário, poderia acarretar conflitos e guerra entre eles.

Sobre a presença das araucárias nos territórios Kaingang, uma das lideranças indígenas que entrevistamos no Vale do Taquari aponta o seguinte:

A araucária ele por onde os Kaingang passam ele tem que deixa um araucária plantado. E eu já deixei! Ali já tem [se referindo a *Foxá*]. Eu plantei 250 pés de araucária. Todos os araucária que foram plantados ali eu fui buscá na minha terra. Então pra nos o araucária é um marco, aonde tinha araucária dentro do estado, vamos supor, não era em todos os lugar que tinha araucária nativa né, é o território dos Kaingang. Os Kaingang sempre defenderam as araucária, porque o araucária além de remédio ele é alimentação e bastante, com abundância que é a mistura das carne de caça (EC, 15/05/2012, p. 6-7).

Considerando-se essas informações, é possível perceber que o território não representa apenas uma porção física da terra, mas um espaço permeado de símbolos e significações. Segundo Aresi (2008), o território é sagrado aos Kaingang, e o retorno a espaços que foram habitados por seus antepassados significa a potencialização de aspectos de sua identidade étnica.

Ilustra a situação o fato de que, na atualidade, várias das lutas Kaingang estão pautadas na recuperação de seus territórios. A retomada desses espaços é fundamental para darem continuidade ao jeito de ser Kaingang. A narrativa de uma liderança indígena Kaingang a esse respeito indica o seguinte:

Olha, o território é importante pra nós porque a liberdade de nós diz que nós temos a liberdade por esse território. Mas hoje existem umas leis tá tirando toda a nossa liberdade que proíbem nossos costumes, nossa cultura. Aqui é meu território. Mas se amanhã, depois a prefeitura resolve construí algumas casa pra esse povo que tão aqui a gente não vai ter aquela liberdade de que a gente tá vendo esse pedaço de mato, de capim, que a gente tá sabendo que a prefeitura vai destruí tudo, a gente tá sabendo que tem um bom pedaço que vão derubá tudo, entendeu? Então isso aí nos atrapalha e daí

com essa, com essa a civilização baseado em lei, você vai perdendo toda a cultura que você tem. Eu não vou perde, porque eu to passando pros meus filho fazendo com que cada vez mais eles se aprofundem. E se eu não ensiná os meus filho eles vão perdê, eles não vão entendê o que é um território, porque o território Kaingang é um, o território Guarani é outro (EC, 15/05/2012, p. 10).

Relacionando relatos de lideranças Kaingang ocupantes de áreas urbanas em estudo, bem como as pesquisas de Tommasino (2000) e Becker (1995), percebe-se que a identidade Kaingang está relacionada ao pertencimento a um determinado território, bem como as relações que estabelecem com seus parentes. O parentesco não necessariamente é consanguíneo, mas, com efeito, cultural e envolve os moradores de outras terras indígenas que compartilham experiências históricas e culturais e que formam redes de sociabilidade.

Nas Terras Indígenas *Por Fi Gá, Jamã Tÿ Tãnh e Foxá*, podemos perceber que há uma relação de parentesco entre seus integrantes. Esses espaços fazem parte do que denominam o grande território, o qual também compreende localidades Kaingang localizadas em áreas urbanas em Porto Alegre e Farroupilha.

Sim, porque a Terra Indígena, por exemplo, do Vale do Taquari, ela tem as histórias né, tem como eu vô dizê [...] que o território dos Kaingang já começa até aqui na terra até o litoral né [...] Agora existia aqui em Lajeado né historicamente né pelos nossos velinhos né pelo bisavô, avô, passaram pelos pais, então, e os pais passaram pra seus filhos e passa pros meus filhos agora, passo pros meus filhos e netos historicamente pra não terminar né e por isso eu gosto muito de né porque com o tempo ali vem mostrando né. [...] Então aqui em Lajeado era um aldeia indígena Kaingang né [...] Então e agora tem em Lajeado essa outra aldeia onde é que os índio Kaingang se acampavam ali no rio do Sino né e ficavam e ficavam e virou um território indígena [...] (EA, 15/12/2011, p. 1).

Nessas informações, podemos perceber que os Kaingang produziram seus territórios de acordo com uma concepção própria de tempo e espaço. Segundo Rosa (2011), o modo de vida desses indígenas implica uma relação específica com a natureza e a projeção sobre

ela de representações simbólicas. O território é onde os Kaingang vivem em conformidade com as metades cosmológicas *Kamé* e *Kanhru*, seguindo as regras de reciprocidade e as alianças que sustentam a identidade.

2.1. Os Kaingang e os processos de (re)territorialidade

Os processos de (re)territorialidade Kaingang estão sendo analisados com base no estudo de Little (1994). Segundo esse autor, a memória coletiva é a principal motivação para os deslocamentos dos povos em um espaço geográfico, mas essa concepção de territorialidade é muito mais cultural do que um espaço propriamente físico. Sobre os sentidos de (re)territorializações para os grupos sociais, temos:

[...] essas diferentes formas de territorialização histórica criam lutas divergentes pelo espaço. Muitas vezes elas se superpõem no espaço geográfico e no tempo histórico. É importante notar que todas essas reivindicações são, de uma forma ou de outra, casos de reterritorialidade, pois, se voltarmos no tempo, veremos que são produto de uma (ou várias) migração originária. Legitimam-se por meio de apelos a memórias coletivas divergentes (e muito seletivas) que os grupos sociais construíram na base de suas necessidades que, por sua vez, também mudam com o tempo (Little, 1994, p. 15).

Um mesmo território pode ter concepções de territorialidades divergentes entre os grupos que o ocupam. Em consequência, os sentidos dessas territorialidades e (re)territorialidades tendem a acarretar relações tanto amistosas e de respeito como de conflitos e guerras entre as sociedades.

No Rio Grande do Sul, esse processo de (re)territorialização pode ser identificado em sete áreas urbanas Kaingang. Neste estudo, conforme é possível observar no mapa (Figura 1), estamos tratando de três situações envolvendo a Terra Indígena *Por Fi Gá*, cidade de São Leopoldo, localizada em territórios do Vale do Sinos, e as Terras Indígenas *Jamã Tÿ Tãnh* e *Foxá*, respectivamente localizadas nas cidades de Estrela e Lajeado, que se encontram no Vale do Taquari.

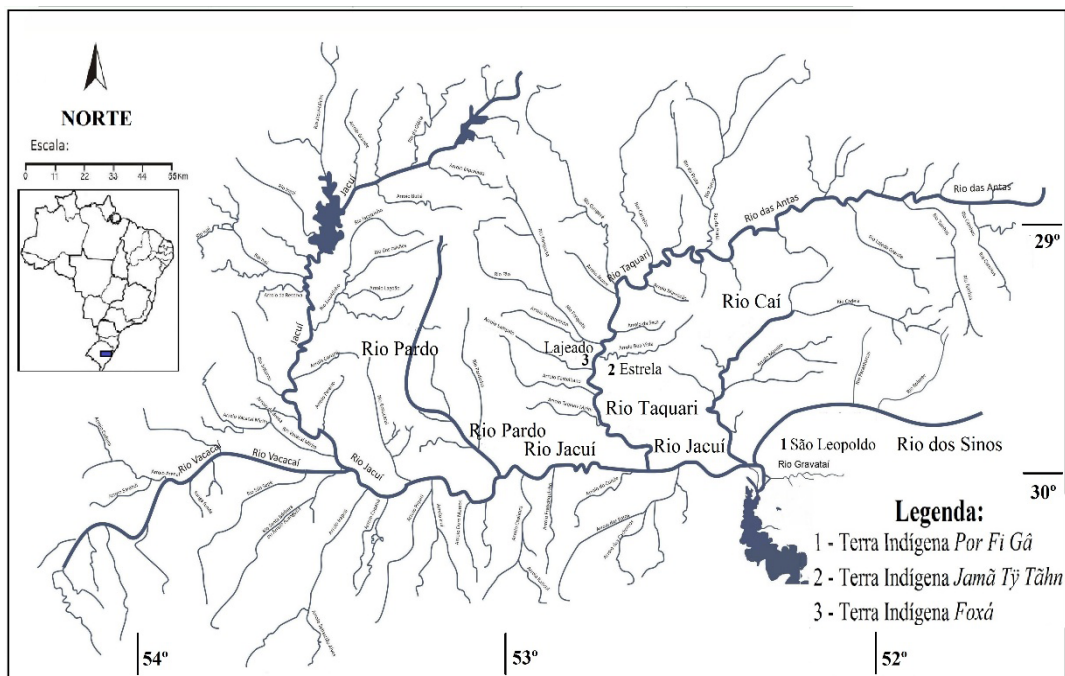


FIGURA 1 – Mapa das Terras Indígenas Kaingang Jamã Tÿ Tãhn, Por Fi Gã e Foxá localizadas em áreas urbanas do Vale do Taquari e Vale dos Sinos/Rio Grande do Sul.

FONTE: Elaborado pelos autores.

Sobre as relações existentes entre os Kaingang estudados e o território, o relato de um indígena do Vale dos Sinos informa o seguinte:

Essa mãe terra, ele bota nós no mundo e a gente fica velho, e quando morre tem que vortá de novo pra mãe terra. Então, tem índio que tem o espírito muito forte que o pajé sabe, e ele coloca esse índio e dá um nome e esses sim vão trabalhá quando uma pessoa morre, eles que vão conversá com a terra, ele vem dizê pra terra, porque a terra é viva, ela ouve nós. Então nós conversemos com a terra que eles tão devolvendo aquele filho pra ela, pra depois enterra, pra terra se contentá com aquilo. Então fazendo isso faz bem até pra família daquela pessoa que faleceu (EA, 15/12/2011, p. 12).

Almeida & Nötzold (2011), com base em Curt Ni-muendajú, informam que na mitologia Kaingang foram

os gêmeos ancestrais *Kamé* e *Kanhru* que povoaram a terra com seus descendentes e fizeram todas as plantas e animais; por isso eles têm a cor de terra que está presente em sua cultura. Informações semelhantes aparecem nos relatos Kaingang que entrevistamos para esta pesquisa.

Tratando-se do Vale do Taquari e, particularmente, na cidade de Lajeado, uma liderança Kaingang relata:

Então aqui em Lajeado era um aldeia indígena Kaingang né. Daqui os índio saíam por Rio Pardo, pesca, caça e traziam pras suas esposas que conviviam aqui né. Então e agora tem em Lajeado essa outra aldeia onde é que os índio Kaingang se acampavam ali no rio do Sino né e ficavam e ficavam e virou um território indígena né e começaram quere desaldea os índio né a aldeia, por exemplo, pegaram todos os índio que conviviam aqui né e uniram eles na aldeia de Nonoai, Guarita, Ligeró né, do cacique Doble tiraram dessa região em muito pouco tempo e então ficô então essas aldeia que eles conviviam

ali que viviam ali e agora então foram formada essas aldeias (EA, 15/12/2012, p. 1).

Analisando a narrativa em questão, observamos esse processo de (re)territorialização na cidade de Lajeado, que se torna uma extensão do tradicional território e a importância do comércio do artesanato para a reprodução social Kaingang.

Na Terra Indígena *Jamã Ty Tãnh*, em Estrela, segundo Laroque & Silva (2013), os Kaingang têm por hábito enterrar os umbigos das crianças como forma de demarcar o território e para que elas tenham saúde. Os indígenas procuram enterrar o umbigo próximo a um pé de bananeira, pois é uma planta forte e, com isso, a criança crescerá saudável; portanto, são ações possuidoras de forte caráter simbólico com o território. Sobre a importância da terra, que é vista como uma mãe que se faz presente na vida dos Kaingang, temos que:

Para os indígenas Kaingang a terra é sua mãe, pois foi ela que os criou e é a terra que os sustenta. Os indígenas veem na terra algo muito mais do que um simples espaço econômico; [...] a terra para eles representa a base da vida social, suas raízes, e não apenas serve para a subsistência das comunidades e está diretamente ligada ao cotidiano como um todo interligado, e “mesmo assim a pouca terra que lhes resta continua sendo objeto de propriedade coletiva e não apenas de sociedades individuais” (Garlet, 2010, p. 113).

Sendo assim, é possível perceber que a terra e o território para os Kaingang, muito mais do que uma dimensão física, tratam-se de um espaço que envolve tanto o mundo dos vivos como dos mortos, portanto, repletos de marcas e significados, mesmo que sobre eles tenham sido erguidas cidades.

3. A reciprocidade entre os indígenas Kaingang e a natureza

O território e a natureza para o povo Kaingang são categorias imbricadas que se sobrepõem e estão com-

postas pela *nen* (mata), *rê* (campo), *krin*, *rã* (montanha, serra), *egohó* (capoeira), *bêre* (baixada, planície), *wãin* (capão de mato), *eratemã* (morro), *rê eratemã* (lugar despencado, penhasco), *paró* (parede de pedra), *gój* (rio), *xá* (cachoeria), *wó* (corredeira), *wéin kunyá* (foz, barra de rio), *gój djuro tã* (nascente, cabeceira de rio), *gój fyr* (margem de rio). É nesses espaços que exercem atividades de caça, pesca, coleta e cultivo de produtos, como o milho, abóbora, feijão e batata-doce (Tommasino, 2004). Assim, é possível observar que o espaço territorial Kaingang é conhecido e classificado em suas especificidades, e a utilização dos elementos da natureza implica relações de respeito e reciprocidade dos humanos para com eles.

Os indígenas Kaingang tiveram seus territórios do Vale do Taquari e Vale do Sinos invadidos pelos colonizadores europeus no decorrer do século XIX. Aos poucos, foram sendo expropriados de suas áreas de caça, de pesca e de coleta, mas, mesmo assim, continuaram a se deslocar pelos tradicionais territórios. Nesse processo de contato com a sociedade envolvente, há elementos culturais que se minimizaram, outros redefinidos e alguns mantidos, mas todos orquestrados pela lógica cultural do grupo.

Considerando que a concepção de natureza e de sociedade são produzidas culturalmente, as relações que os distintos grupos humanos estabelecem com a natureza e seus sentidos somente podem ser percebidas se interpretadas na perspectiva da sociedade que as gerou. Nesse sentido, Gianini (1994) afirma que as sociedades humanas recortam o mundo natural e lhe atribuem seus próprios significados.

Na concepção dos indígenas Kaingang, sociedade e natureza, bem como humanos e não humanos, não representam categorias estanques, ou seja, são tratadas como coletividade que se inter-relacionam e se complementam. Na cosmologia Kaingang, semelhante ao que Pardini (2012) apresenta em seu estudo sobre ressonância histórica da ecologia amazônica, os animais e as plantas também são possuidores de espíritos. Dessa forma, no universo Kaingang, humanos e animais participam da construção do cosmos, motivo pelo qual indígenas e natureza precisam estar frequentemente em relação (Rosa, 2011).

Rituais Kaingang, como é o caso do enterramento dos umbigos dos recém-nascidos em territórios tradicionais para que cresçam fortes e saudáveis e a Festa do *Kikikói*, em que são divulgadas as nomeações, e a metade exogâmica *Kamé* ou *Kanhru* à qual a criança vai pertencer, ilustram a situação. Os referidos rituais se inserem na lógica do mito e do ambiente que é habitado por seres naturais e sobrenaturais onde a “mata possui um espírito guardião (*nen tân*). O rio tem o seu *gój tân*; a serra, o seu *krín tân*. Sendo a natureza múltipla, também são múltiplos os ‘espíritos-donos’” (Tommasino, 2004, p. 159).

Tanto nos trabalhos sobre os Kaingang que manuseamos como nos dados pesquisados nas Terras Indígenas do Vale do Sinos e do Vale do Taquari, percebe-se que os Kaingang estão conectados com a natureza. Estudo de Rosa (2008) corrobora essas afirmações, pois, segundo este autor, a identidade Kaingang somente se constitui nas relações que os nativos estabelecem com o mato.

Na visão de Tommasino (2004), os Kaingang, quando estão no mato, sentem-se “indígenas” pelo fato de estarem lá e por sua essência como pessoa. Por isso, quando estão nas matas, nos rios ou caçando e pescando, bem como praticando seus rituais, os Kaingang reatam os laços com o natural e com o sobrenatural. Para os Kaingang, a natureza possui espíritos; a água, a terra, os animais, as plantas possuem espíritos e se comunicam, conforme segue:

A própria mata, a própria árvore ela é, tá todo o movimento da terra, a mata, as árvores elas sabem. [...] as árvores elas falam. Naquele intervalo elas conversam, elas dormem, a água dorme também. Por que a água dorme? Porque às vezes você tem um riachozinho que tem bastante pedra né, às vezes antes de você chegar ali tu vê o barulho da água, dá aquele barulho, tipo uma cachoeira, a cachoeira dorme chegou naquela hora eles tão dormindo. Quando vai pro lado da madrugada duas horas pra frente daí eles acordam tudo. Daí tu vê, as árvores falando. Qual é a fala delas? Elas começam ringir, por mais que não tenha árvore perto que elas se enrosquem um galho em outro pra fazê aquele ringido, entendeu? Aquele som, por exemplo, a árvore quando uma começa, todas elas conversam. Mas da meia-noite a uma hora elas tão quieta. Das duas em diante elas conversam o que elas querem. A cachoeira a mesma coisa tu vê a cachoeira

fazendo barulho caindo a água daí da meia-noite a uma hora tu vai lá e não vê barulho nenhum. E das duas em diante elas largam o barulho, ela vem com força. Então é todo o movimento que a natureza faz, e nesse intervalo, então diziam os antigo que é uma hora em que todos os espírito mau eles estão andando, aqueles espírito que, pagão, aqueles que não se salvam como dizem os padre, aqueles tão andando eles tão nas terra. É o momento que eles estão andando. Daí todo aquele movimento da terra que a natureza acompanha [...] (EC, 15/05/2012, p. 9).

A mata possibilita a sustentabilidade aos grupos indígenas, além de estar relacionada aos diversos significados que norteiam a sociedade Kaingang. Além disso, a natureza se faz presente em rituais sagrados, como é o caso do enterro dos recém-nascidos e a Festa do *Kikikói* que apontamos anteriormente. Outra narrativa de um entrevistado aponta que:

[...] o índio o meio ambiente a natureza ela é tão importante pra nós, que pra nós ela é a nossa vida né, porque nós índio nós temo certa prática, certo conhecimento da natureza [...] Então quando o meio ambiente, por exemplo, quando parte da mata assim, por exemplo, da natureza, a água, a árvore ervas medicinais desde minério né, e outros a gente já tem certo conhecimento também porque aonde existe hoje, por exemplo, uma mata nativa intocada desde os dias de hoje né você vê coisas que muitas pessoas não viu porque ela é uma mata nativa mesmo uma mata virge que se diz ela nunca foi tocada ali tá toda a vida de uma pessoa, tá dentro dessas mata que nunca foi tocada. Ela é muito rica! Então eu digo rica porque ela ainda ela tá ainda intacta que ela não foi explorada e tudo né o que se for pensa tem dentro dela tem em termos de água, fauna, flora né? E minério também, reservas que tem né? Inclusive uma época lá em Nonoai onde eu nasci a gente descobriu uma fonte de água mineral aonde eu peguei e levei lá pra Chapecó pra fazê uma análise na água e aonde foi comprovado que era água mineral como tem outros também. Então existe hoje as reserva dentro do nosso Estado já digo assim de preservação permanente. Até meus parente lá outro índio Kaingang que nem eu da minha família mesmo eles têm assim por responsabilidade de cuida né? Aquela reserva né? Muito rica com araucárias, muita araucária! Naquela terra tem muito pinhão né e aonde traz alimentação para

a comunidade né? Dali já sai o pinhão pra venda, dali do pinhão já é feita uma farinha que é consumida com carne né? Ela é muito rica em farinha, tem o coquinho *jirivá* que ele é muito rica em vitamina em proteína [...] (EC, 15/05/2012, p. 1).

A mata ainda continua sendo relevante para os indígenas Kaingang, pois é fornecedora de plantas medicinais, madeira para produção de utensílios e confecção do artesanato. Há também elementos da natureza que estão presentes no nome das Terras Indígenas *Por Fi Gá*, em São Leopoldo, *Jamã Tÿ Tãnh*, em Estrela, e *Foxá*, em Lajeado.

A Terra Indígena *Por Fi Gá* tem sua denominação ligada aos animais, pois o termo Kaingang “*Por Fi*” significa pássaro e “*Gá*” quer dizer o território/terra desse pássaro. Sobre o nome da Terra Indígena, o entrevistado D expõe:

A gente foi daí, pesquisando né, pesquisando a vivência dos antepassados e descobrimo o nome desse lugar. E aí o nome da comunidade que viveram no passado e o nome de São Leopoldo era *Por Fi né! Por Fi, Por Fi Gá*. [...] Por Fi [...] era um pássaro né que tinha sempre amizade com a comunidade indígena e vivia comendo as migalha, e ele era um dos que cuidava da comunidade dos inimigos, se ele via um inimigo de longe ele vinha contá. Ele vinha se aproximando. Daí os índio dizia *Por Fi* [...] É *Por Fi Gá* [o nome da Terra Indígena]. Antes era *Por Fi*, depois passou pra *Por Fi Gá*. Terra do passarinho aquele (ED, 16/06/2012, p. 3).

No diálogo com D, perguntamos se ainda existia o passarinho que deu origem ao nome do local. O depoente respondeu: “Por aqui não, só nos mato grande. É um passarinho tipo angolista, só fica caminhado, voa pouco como a saracura, não fica voando” (ED, 16/06/2012, p. 3).

No Vale do Taquari, a nomeação da Terra Indígena *Jamã Tÿ Tãnh* significa a “Aldeia do Coqueiro”, fazendo referência aos coqueiros que estão presentes no local. Na Terra Indígena *Foxá*, localizada em Lajeado, a relação do nome da aldeia e a natureza não é diferente, pois na língua Kaingang *Foxá*, quer dizer cedro; “*Fó Sá*”, aqui no cedro. Sobre isso, um Kaingang explica o seguinte:

O nome da nossa aldeia aqui é *Foxá né*, porque a gente pelo historicamente esse local do bairro a gente começô analisá assim que é, ele chamô muito a atenção da gente né, porque é um nome de uma madeira, que a madeira é um remédio eles serve pra todos.[...] aquele serve pra muita coisa aquilo vale oro, aquele serve pra fazer remédio, às vez nossos velinhos derrubava a tábua pra fazer rodado de casa né, tabinho que eles dizem né pra faze telhado da casa né. Então a gente entrô aqui em Lajeado aonde a gente foi localizado aqui nessa aldeia. E a gente não tinha nome como aqui é Jardim do Cedro a gente começô a pensa e botêmo na cabeça Jardim do Cedro. Porque certamente se nós entrevistá os velinho, mais moradores daqui, eles vão aprofundá por que Jardim do Cedro, porque eles têm também significado deles, e botaram Jardim do Cedro. Então pra nós foi assim, muito importante pra nós, então nós começamo a pensa e botemo *Foxá né*, que é o nome já de uma madeira que a gente pode preservá até anos e anos e anos e aquela madeira vai ficá, vai tá marcado, vai tá ali pra quem não conhece [...] Então o que significa Jardim do Cedro é *Foxá* [...] (EB, 08/05/2012, p. 5-6).

Os dados analisados nos possibilitam constatar que, no universo Kaingang, humano e natureza constituem-se uma amálgama. Salienta-se também que o etnônimo Kaingang significa *gente do mato*; sendo uma autoidentificação do grupo como parte da natureza, remete à noção de um meio ambiente determinado enquanto constitutivo de sua identidade.

4. Considerações finais

Com as informações abordadas neste artigo a respeito das concepções sobre o território e a natureza dos Kaingang que se encontram nas Terras Indígenas *Por Fi Gá/São Leopoldo, Jamã Tÿ Tãnh /Estrela e Foxá/Lajeado*, é possível perceber que esses lugares, mesmo em espaços urbanos, servem para rememorar as áreas de serras, de campos e de floresta onde os antepassados se dedicavam a caçar, pescar, coletar pinhão e mel e a cultivar alimentos, como milho e pinhão. Embora algumas dessas atividades não sejam mais praticadas em áreas urbanas, alimentos como o milho, pinhão e mel conti-

nuam a fazer parte dos rituais sagrados. Nesse sentido, fica evidente que a terra e o território são categorias fundamentais para os Kaingang, não para a obtenção de riquezas como ocorre para a sociedade não indígena, mas como espaço de sua produção e reprodução cultural.

Tratando-se da natureza, os Kaingang presentes no Vale do Sinos e no Vale do Taquari continuam a acreditar na linguagem dos pássaros, em que a coruja, por exemplo, pode trazer avisos de coisas boas ou não; da taquara, a fibra é utilizada para cestaria, os nós, para contagem

do tempo e o gomo, para cortar o cordão umbilical dos recém-nascidos; com o banho no rio, o espírito das águas pode levar os males embora; e o etnoconhecimento de plantas como a cancorosa, folhas de pitanga entre outras, são práticas medicinais fornecidas pelos espíritos da mata. Portanto, a reciprocidade dos indígenas Kaingang com a natureza, mesmo em áreas urbanas, segue a lógica de sua cultura, pois é nela que se encontram prescritos os códigos culturais e identitários e a continuidade para o jeito de ser Kaingang.

Referências

- Almeida, C. S.; Nötzold, A. L. V. A memória da paisagem: os Kaingang e as relações entre cultura e natureza nos “apontamentos” de Mabilde. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, jul. 2011.
- Aresi, C. *Transformações culturais e território: O Kaingang da Reserva Indígena de Serrinha/RS*. Porto Alegre. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- Baines, S. G. As chamadas “aldeias urbanas” ou índios na cidade. *Revista Brasil Indígena*, 2(7), 15-17, 2001.
- Becker, Í. I. B. *O índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, [1976] 1995.
- Brand, A. História Oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. *História Unisinos*, 4(2), 195-227, 2000.
- Cardoso de Oliveira, R. *Urbanização e tribalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- Garlet, M. *Entre cestos e colares, faróis e parabrasas: crianças Kaingang em meio urbano*. Porto Alegre, Dissertação (mestrado em Serviço Social) – PUCRS, 2010.
- Gianini, I. V. Os índios e suas relações com a natureza. In: Grupioni, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, p. 145-152, 1994.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: Características gerais dos indígenas*. Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf>. Acesso em: mai. 2015.
- Laroque, L. F. da S. Fronteiras geográficas, étnicas e cultural envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil – (1889-1930). *Instituto Anchieta de Pesquisas. Antropologia*, n.64. São Leopoldo: Unisinos, 2007. 343 p.
- Laroque, L. F. da S.; Silva, J. B. S. Ambiente e cultura Kaingang: saúde e educação na pauta das lutas e conquistas dos Kaingang de uma Terra Indígena. *Educação em Revista*, 29(2), 253-275, 2013. Doi: org/10.1590/S0102-46982013000200011
- Little, P. E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. Textos de história. *Revista de Pós-Graduação em História da UNB*, 2(4), 5-25, 1994.
- Mussi, V. P. L. *As estratégias de inserção dos índios Terena: da aldeia ao espaço urbano (1990-2005)*, São Paulo, Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista/Assis, 2006.
- Nunes, E. S. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. *Espaço Ameríndio*, 4(1), 9-30, 2010.
- Pardini, P. Natureza e cultura na paisagem amazônica: uma experiência fotográfica com ressonância na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7(2), 589-603, 2012.
- Rosa, P. C. A noção de pessoa e a construção de corpos Kaingang na sociedade contemporânea: *Espaço Ameríndio*, 2(1), 15-43, 2008.
- Rosa, R. R. G. da. Mitologia, Origem e Xamanismo Inuit e Kaingang. *Espaço Ameríndio*, 5(3), 98-122, 2011.
- Rosado, R. M.; Fagundes, L. F. C. (Org.). *Presença indígena na cidade: reflexões, ações e política*. Porto Alegre: Gráfica Hartmann, 2013.
- Seeger, A.; Castro, E. B. Viveiros. *Terras e Territórios Indígenas no Brasil*. Encontros com a civilização brasileira. Rio de Janeiro, p. 101-109. 1979.

Silva, J. B. S.; Laroque, L. F. da S. A história da Terra Indígena Linha Glória, Estrela, Rio Grande do Sul/Brasil: sentidos de sua (re)territorialidade. *Sociedade & Natureza*, 24(3), 435-448, 2012.

Tommasino, K. Território e Territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: Mota, L. T.; Tommasino K. (Orgs.). *Uri e Wãxi – Estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Ed. UEL, p. 191-226, 2000.

Tommasino, K. Os sentidos de Territorialização dos Kaingang nas Cidades. *Fórum de Investigação Jê do Sul*, Curitiba, 11 a 15 nov. 2001.

Tommasino, K. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da Bacia do Tibagi. In: Tommasino, K; Mota, L. T.; Noelli, F. (Org.). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Eduel, p. 355-413, 2004.